

ALGURES NA NOITE

— Oh! Oh! Nada de cerimónias — disse o homem de cachimbo curvo e fornilho bojudado, que parecia apagado.

O outro acabou de esfregar as solas no tapete de esparto, que estava ali para isso mesmo, despiu a gabardina, pendurou-a com cuidado, no cabide. Não queria molhar a tijoleira, tão limpa e brilhante a via.

— Pôs-se um tempo danado — disse o homem, ainda atrás do balcão, com o olho na pasta do recém-chegado. Seria, ou não, toda a bagagem dele.

— É para ficar?

— Se tiver um quarto livre.

— Não havia de ter? Já não é Verão.

E abriu os braços, resignado: — Isto está quase vazio.

O visitante deixou-se cair no sofá em frente do fogão, que ocupava grande parte da parede, à esquerda de quem entrava. Explicou que a chuva o decidira a passar ali a noite.

— E fez bem. Com um tempo destes, a estrada é perigosa. Por causa das curvas, sabe? Ainda ontem um se estampou ali em baixo, à entrada da ponte. Pôs o carro no alpendre? Está lá o do senhor Ferreira, mas ainda há espaço para outro, e à vontade.

— Não, não vim de carro.

— Quê? Veio na carreira?

A voz do homem tornou-se reticente. Quem vem de camioneta não interrompe a viagem por causa do mau tempo. Além de que a carreira passara há mais de meia hora.

— Vou para longe. A camioneta é muito má e já me sentia extenuado.

— Ah bom...

Como quem diz: é lá contigo. Mas luziu-lhe ao cantinho do olho um assomo de ironia: os senhoritos da cidade. Que é que eles aguentam, os senhoritos da cidade?

— Vou então mostrar-lhe o quarto. Ou quererá comer?

— Já jantei, obrigado. Se não se importa, fico aqui mais um pouco a aquecer-me.

— Qual importa! Nada de cerimónias, ora essa!

Estava de facto enregelado. Apanhara muita chuva. E não lhe saía da cabeça o companheiro de viagem. Já o motorista metia a primeira para arrancar. Saltou. Ouviu alguém gritar, a porta ser fechada com violência, a camioneta partir.

Andara às voltas sob a chuva. Tinha de haver uma estalagem por ali, uma pensão qualquer. E acabou por dar com ela, pouco afastada por sinal, mas no lado oposto ao do largo onde parara a camioneta.

O estalajadeiro pensava: jantaste onde, se vinhas na carreira e ela pouco se demora em cada terra? Foi atrás do balcão, veio de lá com dois copos pequenos e uma garrafa de bagaceira, sentou-se ao lado do desconhecido. Riscou um fósforo para acender o cachimbo.

— Prove desta, que dá vida a um morto.

Agradeceu, bebeu (aquilo ardia). E ficaram os dois beberriando em silêncio, com os olhos no lume. A chuva redobrava contra a porta. Fora com ele ou depois dele que o sujeito entrara? Voltava a cabeça e os olhos lá estavam. Ou era culpa sua? Por que voltara a cabeça tantas vezes?

— O amigo, depois, há-de dar-me o nome e a morada. Andam em cima de nós como cães. Não sei para que é tanta esquisitice.

— Isso que tem?

Inventou logo um nome (Aníbal da Fonseca), uma morada (no Porto) e uma profissão: empregado de escritório.

— Quer que escreva já?

O estalajadeiro ficou tranquilo.

— Qual quê! Basta amanhã, quando partir.

E encheu de novo os copos.

— Isto é cá por minha conta. Para aqui nesta pasmaceira e numa noite assim, beber em boa companhia até consola.

A mulher andaria lá para dentro ou já dormia. E aquele paz-de-alma ali de sentinela, não chegasse ainda alguém. Acendendo o cachimbo, deixando-o apagar-se, dormitando com certeza. Era aquilo uma vida.

— Não vai mais? Olhe que é de vontade.

Já passava das onze quando enfim se levantaram. O hóspede agarrou na pasta (toda a sua bagagem), tirou do cabide a gabardina e subiu atrás do dono da estalagem. Escada estreita mas de degraus espaçosos. Um corredor comprido com portas dum lado e doutro. Sob uma delas, luz.

— É o senhor Ferreira, há-de conhecer. Não? Pois é, o amigo é doutras bandas.

E deixou-o no quarto, que era do lado oposto ao do tal senhor Ferreira, mesmo ao fundo.

O Aníbal (tinha esse nome ali) fechou a porta. À chave. Viu o quarto modesto, caiadinho de fresco: cama de aspecto confortável, um guarda-fato de espelho, o lavatório da praxe, água canalizada. E, felizmente, encostada à parede, uma mesa pequena, a que logo se sentou. Sorriu à sua boa sorte. Não lhe escapara a ironia nos olhos do estalajadeiro, quando se disse extenuado da viagem. Muito longe, portanto, de supô-lo habituado a andar quilómetros de bicicleta e mesmo a pé. Como convinha.

Trazia na pasta os elementos necessários. Datas, referências, recortes de jornais, notas soltas e muitas, numa linguagem que só ele entendia, mas vá-se lá saber. Saltara da camioneta por precaução exagerada. Ninguém sabia que viera. Onde estaria àquela hora, muito menos. Aliás, tudo o que queria era um canto tranquilo onde pudesse trabalhar pela noite dentro. Sem problemas.

Desfez o nó da gravata, desabotoou o colarinho, tirou da pasta os seus papéis, pôs-se a relê-los. E, no profundo silêncio da estalagem que nem sabia bem onde era, começou a escrever.

Pouco depois, bateram.

Reconheceu a voz. Não se alarmou. Cobriu os papéis com a gabardina, entreabriu a porta, deu com o dono da estalagem, atrapalhado, o homem, erguendo muito os ombros.

— Foi lembrança da patroa, o amigo desculpe. Mas, com o tempo que está, a botijinha quente talvez calhe.

— Bela ideia!

Agarrou na botija, tão quente que custava a aguentá-la nas mãos, pô-la em cima da cama, despachou a visita.

— Com esta companhia vai ser um sono só. Obrigado.

Tornou a fechar a porta (à chave), ficou a ouvir os passos lentos do homem a afastar-se. No corredor. Na escada. E, mal o silêncio regressou, tirou a gabardina de cima dos papéis, recomeçou a escrever.

Já não tinha dúvidas. Era mesmo o seu dever. Fosse qual fosse o preço. Joga-se pouco, muito, às vezes tudo. Jogar tudo era aquilo: confrontar datas e possíveis testemunhos, relacionar pormenores, conseguir encontrar a ponta da meada que alguém estava enredando. Compreender porquê.

Respostas evasivas. Reticências. Mudanças bruscas de conversa. E uma atmosfera de medo a envolver o caso. Ou, pelo menos, de prudência excessiva, hesitação, defesa. Quem a estava criando? Com que fim?

O corpo fora encontrado num pinhal, com duas balas nas costas, disparadas de perto, ao que parecia. E ninguém falara nisso. Primeiro ponto: e ninguém falara nisso. Só quando a notícia aparecera, com retrato e tudo, em todos os jornais, ele soubera. E só depois (segundo ponto: só depois), o *Em Luta* se referira ao crime. Mas (terceiro ponto) num tom pouco indignado, quase neutro, mais ou menos de quem lava daí as suas mãos. Impossível de aceitar. Ou sequer de entender.

Lera e relera a notícia. Igual em todos os jornais. O nome (o seu verdadeiro nome: Raul dos Santos Rosa) nada lhe teria dito. O retrato sim, pois claro. Era o Jacinto!

Um engano? Uma armadilha? Voltava a ler a notícia. Ficava de olhos no retrato. Fora até lá, ao próprio local do crime, como se isso adiantasse alguma coisa.

Não era um pinhal denso, rodeado de mato, onde seria fácil um homem ocultar-se, despistar perseguidores. Era, ao contrário, uma pobreza de pinhal, em campo aberto, quase às portas da cidade. Grandes prédios se ergueriam ali, não faltaria muito, onde ele caíra para sempre naquele dia 12. De borco. Com os braços abertos. A cara contra a caruma. Assim o via. Estava sempre a vê-lo. Era uma visão insuportável.

Tinham habitado algum tempo a mesma casa. Tinham trabalhado juntos. Conhecera-o com vários nomes (nunca Raul, naturalmente), em situações diversas. Com bigode. Sem bigode. Cabelos pretos, grisalhos como os tinha ou pintados de louro. Só o sorriso calmo, fraternal, de uma modéstia que inspirava logo confiança, nunca pudera ele transformá-lo. Ainda estava ali, esse sorriso. Naquele retrato já antigo. O sorriso e o olhar. Um olhar sempre alerta e, ao mesmo tempo, conformado, de quem passou por tudo e já nada surpreende muito nesta vida. E, de repente, aquilo. E o silêncio.

Procurava um e outro. Ia directamente ao assunto, ladeava-o, adiava para melhor ocasião. Que havia ao certo em tudo aquilo? Que mistério? Quem mentia? Porquê? Que não havia mistério. Nem mentira nenhuma. Que podia acontecer a qualquer um. Ponto final.

O Ramiro, de raspão: «É duro, amigo, mas tem de se continuar.» Como se ele falasse em não continuar. E o Vicente, tendo-lhe chamado a atenção para a secura das palavras do *Em Luta*: «A notícia é o menos. Não andamos à espera de homenagens. O importante é ver que o inimigo não desarma e redobrar a vigilância.» E, como ele insistisse, o Vicente fitara-o, muito sério: «Ou queres tu insinuar...?»

Queria lá insinuar fosse o que fosse! Queria, sim, saber como aquilo acontecera, por que razão se mudava de conversa, nada mais. Queria talvez o impossível.

E, lentamente, apavoradamente, fora nascendo nele aquela ideia. Que afastava. Que voltava.

A Polícia? Suspeito número um, pois com certeza. Mas a Polícia estaria interessada em apanhá-lo vivo para tentar mais uma vez arrancar-lhe o que sabia, e era muito. Nunca assim.

Via-o chegar. Contornar o lado leste do pinhal, como lhe teriam dito que fizesse. Penetrar nele com o ar natural (talvez excessivamente «natural») de quem vai de passeio. Via-o depois cair. Via-o depois cair. Via-o depois cair.

Quanto tempo decorrera entre a chegada e a queda? Quem estava lá à espera dele? Quem poderia estar lá à espera dele? Houvera discussão? Tinham-no morto logo?

Os tiros desfechados de perto — num sítio como aquele, sem defesa possível — tornavam indiscutível que não ia a fugir. Por que fizera a Polícia publicar a notícia, exactamente ao contrário do costume? Quando os liquidava nas prisões ou fora delas, silêncio. Rigoroso. Só a imprensa clandestina desfazia o segredo, no círculo restrito a que chegava. Mas num tom bem diferente deste agora.

Pegava na caneta, deixava-a no papel, tornava a pegar nela.

Se não fora a Polícia, que restava? Ele não tinha vida privada, negócios, dívidas, amores. Supô-lo envolvido num caso passional dava vontade de rir.

Fora então um ajuste de contas? De outra espécie? Quê! Como fazem os *gangsters*, os fascistas?

O Jacinto! Esse amigo! O Jacinto franzino, falando baixo, com um poder de argumentação, serena mas cerrada, que reduzia a pó os palavrosos. O Jacinto sempre pronto às tarefas mais arriscadas, difícil de convencer a expor-se menos. Fora dentro duas vezes. Saira de lá tão limpo como entrara. Incomunicabilidade, tortura do sono, espancamentos, nada o tinha feito falar.

Obra da Polícia, pois? Como tinha de ser? E liquidara-o deste modo por saber inútil torturá-lo? Ingenuidade. Ela esperava sempre conseguir. Só teria disparado, se ele fugisse. Mas a curta distância a que fora alvejado tornava tal ideia sem sentido. O pinhal estava cercado. Com certeza. Quem tentasse fugir, cairia logo nas mãos dos que o cercavam. E, no caso (pouco ou nada provável) de conseguir furar o cerco, disparariam, claro, mas forçosamente *de longe*.

Qual Polícia! Ou haveria mais vítimas (ele não estava só na altura, isso era certo), ou quem escapara não deixaria de contar. Mas ninguém abria a boca, ninguém sabia nada.

Ou saberia?

Lembrar tudo. Atenção. Ele estava afastado de toda a actividade há meses. Por castigo. Não custa a aceitar que a sua paixão de lutador o tivesse levado a infringir a disciplina. Ou o tivessem afastado por simples medida de prudência. Houvera três prisões no seu sector. Sabe-se que aceitara a decisão sem sombra de protesto. Mais crível portanto a medida de prudência. Sabe-se que, entretanto, se portou exemplarmente. Como sempre. Em nenhum dos pontos de apoio de seu conhecimento se notara, nem antes nem depois, o menor sinal suspeito. Sabe-se, enfim, que fora convocado para o malfadado encontro. Que tanto desejava. E que esse encontro era ali. Precisamente ali onde o mataram.

Fora então denunciado? Muito pouco admissível. Denunciado por quem? Por quem o convocara? Absurdo. O elemento de ligação tinha sido o Policarpo, que bebia os ares por ele. O único que não escondia o desespero que a morte do amigo lhe causara nem evitava falar nela. Ou era isto um mau sinal? O quê? O Policarpo?

O Jacinto tratava-o, às vezes, por «miúdo». E ele ouvia isso com afecto e com respeito. Faria tudo por ele. Durante a segunda prisão do Jacinto, tivera mesmo uma ideia maluca: organizar um grupo de camaradas decididos e assaltar a cadeia, arrancá-lo de lá. Era ainda mais jovem, com muito pouca experiência, tinha ouvido das boas.

Suponhamos que o Jacinto errara. Sim senhor. E que insistira no erro. Podia acontecer. Sobretudo a um homem como ele. Não era fácil levá-lo a mudar de opinião. Suponhamos que errara. E muito. Era caso para matá-lo?

Um amigo renitente educa-se, convence-se, dá-se-lhe tempo e condições para reflectir. Nunca ouvira outra coisa na boca de ninguém. Nem mesmo na dos «duros», assim chamados justamente pela sua fidelidade intolerante à pureza da doutrina. Uma doutrina — sublinhar a traço grosso — que excluía o terrorismo. E então? Condenar o terrorismo contra o inimigo e usá-lo em família? Exigiriam auto-críticas. Envolveriam quem se recusasse a tal numa teia de palavras veladas, sorrisinhos entendidos, suspeição. Poderiam chegar à liquidação política total. Havia exemplos. Mas matar era outra coisa.

E errar podia ser apenas discordar com insistência das decisões «de cima». O que não dizia grande coisa num período em que havia razões para rezear (ao menos para rezear) que se estivessem dando infiltrações em toda a parte. Por que não também «em cima»? Ele achava estranhos certos factos, coincidências, falhas. E dizia-o. Aludia de mais a sabotagens sem que as pudesse provar.

O braço que o matara não era pois dum companheiro de luta (seria isso monstruoso) mas o de alguém que se fazia passar por tal? De alguém que conseguira penetrar na Organização? Que ganhara confiança? Que subira? E que, subindo, ia criando uma espécie de facção dificilmente detectável, pronta a impor-se de dentro, a salvo de qualquer suspeita e sem olhar a meios?

Nesse caso, fora afinal a Polícia. Outra vez. Ia sempre dar ao mesmo. A Polícia servindo-se de elementos que, nada tendo a ver com ela, ela mesma voltava contra os que sabia serem os melhores. Mas a ponto de os fazer disparar contra um amigo?

Devagar. Não era preciso tanto. Haveria agentes duplos. Talvez aqueles mesmos que cortavam cerce as objecções: «Tu não confias nos camaradas?» Como um balde de gelo pela espinha abaixo. Teriam gizado o plano. Tê-lo-iam feito discutir e aprovar. Teriam conseguido ser escolhidos para o levar a cabo. Actuavam lá dentro como o peixe n'água.

Mas, então, o Policarpo? Como aparecia ali o Policarpo? Manejado. Usado como um disfarce. De efeito garantido. Quem se servisse dele não arriscava nada. Dava-lhe o simples papel de transmitir um recado. E ser ele, Policarpo, a transmiti-lo inspi-rava confiança. Antes de tudo, à própria vítima.

Teria sido, assim, um golpe de mestre, com dois objectivos precisos, ambos de monta. Primeiro objectivo: eliminar um militante de craveira excepcional, cujas discordâncias conhecidas, repetidas, permitiriam facilmente engendrar uma história para provar que ele, Jacinto, era um traidor. Perigoso. Sabendo o que sabia, não haveria outro remédio senão calá-lo para sempre. Segundo objectivo: desacreditar gravemente uma organização que liquidaria (estão a ver?) os seus próprios membros em mesquinhas lutas pelo poder. E daí a notícia do crime em todos os jor-

nais: «Corpo encontrado morto num pinhal com duas balas nas costas.» Notícia sóbria (e assim mais convincente), com o nome verdadeiro (a Polícia tinha a ficha dele completa), retrato embora antigo, biografia mais ou menos inventada. O bastante para o leitor incauto concluir: olha como eles são; até se matam uns aos outros.

Infiltrações — dizia ele. E não custa a crer que aos próprios infiltrados. Se a acção destes fosse na verdade vasta e já profunda, tendo atingido a própria Direcção, estava explicada a notícia do *Em Luta*. Publicada só depois, como convinha. Uma notícia breve, calculadamente dúbia, acusando a Polícia, sim (tinha de ser), mas com tão pouca convicção que deixaria o leitor, pelo menos, surpreso.

Mexer na morte do Jacinto era, portanto, tornar-se presa fácil dos tais agentes duplos. Que ninguém conhecia. E por isso o silêncio, as evasivas. Admitamos. Naquele mesmo instante, outros andariam inquirindo no maior segredo e aguardando a boa oportunidade para revelar o que saberiam já.

Ele, porém, suposto Aníbal da Fonseca, militante de segunda ou mesmo de terceira, não tinha nervos para esperar. A seus olhos, esperar sem razões muito concretas para isso (sabia lá se alguém andava investigando!) era ceder, comprometer, ser conivente. Tinha de jogar tudo: evitar a todo o custo que se pusesse uma pedra no assunto. E que outras mortes viessem. Restabelecer a confiança. Reagir. Acordar os melhores.

Mas «os melhores» — dificuldade quase intransponível — submetiam-se normalmente à rigidez da disciplina sem perguntar como nem porquê. Por isso eram os ou dos «melhores». Por nunca duvidarem do que o seu controlheiro dizia. Mas se esse controlheiro fosse um dos tais?

Por aí, nada feito. Desconfiar dum controlheiro era pecado. Mortal. E, em parte, com razão. Mexiam-se dentro dum cerco atentamente vigiado a toda a volta e a toda a hora. Perdida a confiança em quem estabelecia ligações, tudo em breve ruiria. Não se podia saltar por cima deles, controlheiros. Era isso vital. E aí está porque toda a reserva ia dar, tarde ou cedo, à suspensão.

E, se insistente, à expulsão. Mas se estivesse em perigo, por esse país fora, muita gente? Se estivesse em causa a própria Organização, o seu destino, toda a esperança?

O afastamento temporário do Jacinto teria sido uma medida de prudência. Muito bem. Como explicar, porém, terem-no deixado tanto tempo entregue ao seu destino, sem meios de subsistência, sem um tecto seguro? Não era fácil voltar a ser, dum dia para o outro, Raul dos Santos Rosa, como quem está de férias, e desaparecer de novo. Deixam-se rastros.

E um suspeito não conserva, contra tudo, tantos amigos fiéis. A Carolina, velha militante que ninguém acusaria de juízos no ar, recusara, primeiro, mudar de casa: «Para quê? Tenho mais confiança nele que em mim própria.» O Miguel (então Cardoso) não hesitava em dizer: «Os amigos sabem que o Jacinto e eu nunca ligámos bem. Mas lá quanto a seriedade, cuidadinho, ponho por ele as mãos no lume.» E o Dario? Esse ouvia, ouvia, parecia ter nascido para ouvir, e concluía sempre assim: «Talvez, está bem. Mas, cá para mim, o tempo há-de mostrar quem o Jacinto é.» Embora muitos, nem pio. O calado vence tudo. Que não tinham elementos bastantes para formar opinião. Que não queriam ser levados (posição inatacável) por sentimentos pessoais.

E foi um daqueles amigos fiéis, o Policarpo, que fora encarregado de o procurar e avisar. Do dia, do sítio e hora do encontro. Ponto único da ordem dos trabalhos: reconsiderar o caso do amigo, discuti-lo com ele. O Jacinto vai voltar! — assim pensava alegremente o Policarpo. Contaria mais tarde como o outro o recebera. Tão feliz! Pela primeira vez na vida, cometera a levandade de querer saber com quem ia falar. Espanto do Policarpo. Não estava autorizado a dizer tal coisa. Nem saberia tanto, é evidente. O seu papel reduzia-se estritamente a transmitir-lhe a data, o sítio, a hora: dia 12, às três da tarde, naquele pinhal que ambos bem conheciam. «Não há recurso?» Não. Não havia recurso. Que tudo estava bem estudado. Podia ir à confiança.

O Jacinto estranhou. Mas não se opôs. Estava farto de viver à margem, tinha pressa. Fixou ponto por ponto o que tinha a fazer, que voltas dar antes de entrar no pinhal. Repetiu. Tudo certo? Tudo certo. E, antes de se separarem: «Desculpa lá, miúdo,

aquela pergunta há pouco.» Apertou-lhe o braço afectuosamente. «Se me tivesses dito, nunca mais te perdoava.»

Cumprira decerto as instruções. Comparecera decerto pontualmente. A vida inteira fora assim.

Viu-o contornar o lado leste do pinhal, penetrar nele naturalmente. E, de súbito, um tiro. Outro tiro.

Escrevia apressadamente, sem reler, sem emendar. Ou pensava mais do que escrevia, querendo embora apontar tudo, separar o certo do incerto ou só provável, formular perguntas bem precisas. Depois organizá-las. Traçar um plano muito claro. Para evitar que se iludisse mais tempo o verdadeiro e único problema: quem matou o Jacinto?

E aí parou. Só a chuva batendo na vidraça. Teria ouvido alguma coisa? Imaginara ouvir? Viu as horas: três e vinte. Era apenas a chuva.

Mas estava ali alguém. Sentia-lhe a presença do outro lado da porta. Pousou a caneta. Afastou a cadeira sem ruído. Levantou-se cuidadosamente, avaliando num relance a situação. O dono da estalagem desconfiara dele. A história da botija tinha sido um estratagema. Para ver o que fazia. Para confirmar que lá estava. O homem telefonara à Polícia, ela chegara, estava pronto.

Impossível saltar pela janela ou desfazer-se de tanta papelada. Não podia engoli-la nem queimá-la. Aliás, se saltasse pela janela, encontraria gente à sua espera. Nunca a Polícia entraria ali no quarto sem ter primeiro cercado a casa toda. Era inútil tentar.

Militante de segunda, pois, ou mesmo de terceira: para um bom militante, nunca nada é inútil.

Mas a Polícia a proceder assim? Sobretudo àquela hora e naquele fim do mundo? Meteu os papéis na pasta a trouxe-mouxe, empurrou-a para baixo da cama, dirigiu-se à porta, ainda sem abrir.

— Quem é?

Do outro lado, nada. O mínimo ruído. Já na camioneta procedera sem pensar ou pensando de mais. Só porque os olhos de um passageiro se cruzavam com os seus. Estava a ficar doente.

Ou não. Leves toques na porta. Agora não podia duvidar. Batiam mesmo.

Deu então a volta à chave, tão lentamente quanto pôde. Abriu. E viu na sua frente, emergindo do escuro do corredor, uma rapariga que sorria. Do seu espanto.

— Não se assuste...

Pouco mais baixa do que ele. Muito loura. Embrulhada até ao queixo num casaco de peles, continuava a sorrir, visivelmente divertida com o embaraço que causava. Divertida, entrou por ali dentro.

— Mas que é isto? Deve estar enganada.

— Que é isto pergunto eu. Levantado a estas horas, com um frio destes e a botija para aí abandonada...

Ele olhou para a botija, que estava de facto para ali abandonada. Não mais se lembrara dela. Por que a não metera entre os lençóis? Burro. Três vezes burro. Como se isto tivesse a mínima importância quando lhe entravam pelo quarto dentro e o punham naquela situação sem dúvida ridícula.

Correr com a intrusa por um braço ou ir fechar a porta que ficara escancarada? Empurrar a rapariga para o corredor era fazer barulho, acordar gente. Fechar a porta simplesmente seria aceitar entrar naquela jogatana difícil de entender. Uma gaja da vida? Ali?

Ela agarrara na botija, apertava-a ao peito a aquecer as mãos. As calças do pijama de flanela, largas e enrugadas, descendo-lhe até aos pés e encobrindo-os, tornavam-na grotesca e, ao mesmo tempo, infantil.

— Escusa de estar espantado. Não tinha sono, saí do quarto, vi aqui luz, bati. Que é que isto tem de extraordinário?

— Na verdade...

— A verdade é um brilhante no cu da minha avó. Não complique. Nada me chateia mais que uma noite de insónia. Fico com os macaquinhos todos a ferver. Se você também não dorme, podemos conversar.

— Conversar? A estas horas?

— Oh as horas! Isso para mim não conta, fique já sabendo. Se não quer continuar aqui, vamos lá para baixo. O lume está aceso toda a noite.

Ele olhava-a, ainda mais de pé atrás. Qual gaja da vida! Propor-lhe ir para baixo era mais que suspeito. Estariam lá os

tipos. Ela entregava-o, tinha a missão cumprida. Era da Pide. Mas que poderia levar a Pide a actuar de modo tão bizarro? Cercava a casa, entrava à bruta, revistava o quarto, levava-o, acabou-se. Para quê a rapariga?

Deu uma olhadela à cama: a pasta não se via.

— Escute. Não sei quem é nem o que quer. Mas são três e meia da manhã!

— E eu sei quem você é? Que é que isso interessa? Não pense que quero ir consigo para a cama. Nada de parvoeiras. Vamos mas é lá para baixo, que aqui, brrr, isto é um gelo.

Ele voltava à sua, enervado por não conseguir resolver aquilo numa vez. O tempo que perdia!

— É muito tarde. Acho melhor voltar para o seu quarto. Talvez consiga adormecer. Não tem nada para dormir, um comprimido? Além disso, veja bem, acordaríamos toda a gente.

Ela fez um trejeito com a boca. De troça, naturalmente. Depois olhou-o com dó. Podia ser que fosse dó.

Era bonita, muito jovem. E, embrulhada no casaco de peles vestido por cima do pijama, sem largar a botija, tinha o ar evidente de quem manda nos outros e só faz o que quer.

— É tolinho de todo. Quem é que vamos acordar? Só cá está o meu pai. E esse lhe garanto eu que não acorda.

«O senhor Ferreira», pensou o suposto Aníbal da Fonseca.

— Aliás, ele é que tem a culpa disto tudo com aquela mania de não querer dormir em casa.

Atirou com a botija para cima da cama, embrulhou-se ainda mais no seu casaco, abriu a porta, fê-lo passar à frente. Ao que ele obedeceu, admirado, pois claro, consigo mesmo, sem perceber o que estava a acontecer-lhe. Não se esqueceu, contudo, de fechar a porta à chave, que guardou no bolso.

— Para que é isso? Já lhe disse que não está cá mais ninguém. Não há gatunos, descanse. Nem vejo o que lhe haviam de roubar...

Não vira a pasta, portanto. Não sabia da pasta. Não sabia de nada. Por ele, ia sabendo alguma coisa: estavam sós («isto está quase vazio», dissera o estalajadeiro); o tal senhor Ferreira era o pai dela e tinha as suas manias: não queria dormir em casa.

Andaram, na escuridão, o longo corredor. Ao chegarem à escada, ela pegou-lhe na mão a conduzi-lo. Realmente a conduzi-lo apenas, naquela casa que, ao que se estava vendo, conhecia de olhos fechados. E só lha abandonou no último degrau para acender a luz. E apagá-la logo. Não era a luz de cima que ela queria. Era outra, muito menos intensa, dum candeeiro de abajur de louça verde que havia ao pé dum cadeirão de verga, num dos cantos.

Ninguém na sala. O breve instante em que a luz do tecto esteve acesa deixou-o descansado: nem vivalma. Não se tratava de Polícia. E o lume estava aceso, como ela garantira, um lume lento de grossos toros de sobreiro, quase sem chama, que era um prazer senti-lo depois das horas que passara no quarto, sem se lembrar da botija.

A chuva não cessara. Ouvia-se ali ainda mais porque havia talvez um empedrado à porta da estalagem.

Instalado no velho sofá onde estivera antes a beber com o dono da casa, viu a sua estranha companheira levantar as abas do casaco. Abria-as bem, virada para o fogão, para receber em cheio todo o calor.

Quantos anos teria? Quem seria?

Assim de costas, era só umas calças enrugadas dos pés a meia perna, um casaco de peles todo aberto em movimento de ave, um cabelo muito claro.

— Ouça lá. Que diria a bebermos qualquer coisa?

E voltou-se, sem apertar o casaco. Já sem frio e sem reservas. Também ele a olhou doutra maneira. Interessado. O que visivelmente a satisfiz.

— Não deve haver aqui coisa que preste. Talvez ginjinha.

Era louca de todo. Já estava atrás do balcão a procurar.

— Porto de pacotilha, uísque barato, bagaceira ordinária. A ginjinha. Tem de ser a ginjinha. Cá está ela.

Ele falou, com ironia.

— Não sei se está lembrada de que isto tem um dono. Talvez ele não aprecie esse à-vontade todo...

— Quem? O Tamanqueiro? Era só o que faltava!

Mais novidades: o dono da estalagem chamava-se (ou chamavam-lhe) Tamanqueiro (teria sido nos seus tempos sapa-

teiro, teria feito tamancos) e a rapariga dispunha ali de poderes excepcionais.

Ela sentou-se ao lado dele com a garrafa de ginjinha e copos, radiante. Radiosa. O calor afogueara-a um pouco, tornava-a apetecível.

— Quer explicar-me alguma coisa disto tudo? Você é uma hóspeda ou é a dona da casa?

Ela riu com as pálpebras descidas. Estava a encher os copos.

— Mas não tem nada que explicar. O Tamanqueiro trabalhava para o meu pai. Um dia houve umas coisas por aí. Foi o meu pai que o livrou de sarilhos e o ajudou a montar isto. Deu-lhe a casa, emprestou-lhe dinheiro. E eu sou filha, não é?

Acendeu um cigarro que tirou dum maço abandonado na mesa do candeeiro. Depois outro. Fumava sem cessar. Lembrava um barco do século XIX, rio acima, de chaminé airosa e fumegante.

— Não quer?

— Não fumo.

— Ah não fuma...

Como se dissesse: este é pírulas, está visto.

Sala relativamente pequena, lareira enorme, estava-se bem ali. Ao terceiro cigarro, já o fumo começava a formar como que um véu em volta do abajur verde. Ela despiu o casaco, sentou-se mais perto dele, pôs-lhe a mão no joelho.

Lá fora, a chuva. Ininterrupta. Os toros ardendo lentamente, mal se lhes via a chama. De onde em onde, picos de lume voavam pela chaminé acima. Uma lenha excelente, ardendo por si mesma, não exigindo cuidados. Dir-se-ia que a tenaz e a pá de ferro, muito pretas e brilhantes, oleadas de fresco, eram só decoração na grande pedra da lareira.

Acabou por pousar a mão (finalmente!, de que é que estava à espera?) na que a filha do senhor Ferreira lhe pusera no joelho. Senhor Ferreira que livrara o Tamanqueiro de sarilhos (que sarilhos?) e o ajudara a montar essa estalagem encontrada por acaso algumas horas antes.

«Deu-lhe a casa, emprestou-lhe dinheiro.» Deu-lhe a casa? Dá-se assim uma casa? Lembrava o tom respeitoso ou conformado do dono da estalagem. «É o senhor Ferreira, há-de conhecer.»

E depois, parecia-lhe agora que talvez com vislumbres de inveja: «Pois é, o amigo é de outras bandas.» Lembrava também a voz da rapariga: «Não pense que quero ir consigo para a cama.»

E talvez não quisesse. Nem então, nem agora. Tirar o casaco, ficar em pijama com os primeiros botões desabotoados, pôr a mão no seu joelho e não a ter retirado quando ele pousou a sua sobre a dela poderia não querer dizer absolutamente nada. Senão que estaria habituada a fazer o que bem lhe parecia, muito segura de si ou excelentemente protegida. Imaginária castelã que gostava de divertir-se com os vassallos, seguida de cães de raça prontos a saltar à primeira impertinência.

— Vive aqui perto?

— Vivo aqui mesmo, em toda a parte.

Gozava-o, a descarada

— Disse que o seu pai não quer dormir em casa e vem para aqui. A casa é pois por aqui perto.

— Curioso, hem?

E beliscou-lhe o queixo, passou-lhe a mão pelos cabelos, meteu os dedos por eles, utilizando as unhas com vagares intencionais.

Estavam tão perto agora que ele, não tendo onde meter o braço esquerdo, o esgueirou por entre o encosto do sofá e as costas dela até ao ombro. Onde deixou ficar a mão. O que ela facilitou, enquanto escorropichava o copo e lhe mostrava, rindo, uma ginja entre os dentes.

Nos olhos dela estava escrito: «És parvo ou quê?» Ele inclinou-se, retirou com os dentes a ginja dos dentes dela. Os seus lábios tocaram-se de leve, não chegou a ser um beijo. Nem nada mais se passou.

Ela atirava-lhe o fumo para a cara.

— Quer então saber da nossa casa. Coscuvilhice não lhe falta. É a poucos quilómetros daqui, numa das nossas propriedades. Imagine uma espécie de palácio.

E riu-se do exagero.

— De palácio?

— Bom, é uma maneira de dizer. Uma casa de lavoura nunca é um palácio. Quero dizer que é grande, confortável, as pessoas gostam de lá estar.

— E, no entanto, o seu pai prefere não dormir lá.

— Pois prefere, mas só às vezes. É um chato. Tem a mania que o perseguem.

Ele deitou o carço no cinzeiro sem a olhar, muito atento ao que ouvia.

— Que o perseguem?

Sentiu-a afastar-se um pouco, sem chegar a libertar-se. Retraía-se apenas. Não lhe agradava a conversa, era evidente. Estava à espera de que ele a abraçasse, tentasse beijá-la mesmo, para então o sacudir?

Mas, para ele, o que interessava mais era a conversa. Embora se sentisse no dever de puxá-la mais para si. E o fizesse com prazer e sem qualquer resistência.

Sobre a pedra da verga do fogão, um grande tacho de cobre, objectos de barro, bugigangas. E na parede, mesmo ao centro, uma cena de caça, desbotada pelos anos, uma gravura antiga, cuja moldura escura pendia dum cordão muito mais grosso do que seria necessário, indo quase até ao tecto.

— A sua vida é agradável?

— Às vezes, sim. Agora, por exemplo.

Foi a vez de ser ele a passar a mão pelos cabelos dela, sedosos, bem tratados. Para a não deixar fugir. A verdade é que já queria não a deixar fugir. Que sentido tinha tudo aquilo?

Deixou deslizar a mão, do ombro dela até ao cotovelo, sentindo-lhe a pele macia sob a flanela do pijama. Mas não deixava de pensar nas horas que fugiam.

Tinham morto o Jacinto. Outros iriam ter talvez igual destino. E ele incapaz de resistir à primeira sedução que lhe aparecia pela frente.

— Em que pensa? — disse ela brandamente, com os olhos no tapete puído.

— Em nada.

— Mente muito mal.

A louca ou lá o que era roçou-lhe as costas da mão pela cara, num carinho inesperado, de irmã ou mãe, e levantou-se.

Não era só bonita. O pijama, embora largo, deixava perceber um corpo esguio mas bem fornido nos pontos para que os

homens olham logo. Viu-a a andar pela casa, passando um dedo ocioso pelos móveis. Encostar-se depois a um dos umbrais do fogão, deixar-se escorregar de encontro a ele até ao chão e aí ficar, abraçando os joelhos com a ponta do queixo bem encaixada neles. Quando, atrás dela, o lume espevitava, uma poalha rubra cercava-lhe os cabelos e tornava-os ruivos por momentos.

— Tenho uma irmã, sabia?

— Julgava-a filha única.

— Pois é. Por causa das minhas extravagâncias. Mas não sou. Já agora, que viesse o inventário da família.

— Mais irmãos?

— Não. Só essa e basta.

— São parecidas?

— Um pouco, sim. Ela é mais alta.

— Não é isso. Na maneira de ser.

Um risinho. De surpresa. De protesto.

— Nem pensar. Se ela fosse como eu, não estávamos agora aqui, não havia esta estalagem.

— Não havia esta estalagem? Conte lá...

— Não interessa. Ainda há ginjinha?

Ainda havia. Ela aproximou-se, gatinhando, aninhou-se aos pés dele.

— Dá-me um beijo.

E saltou-lhe para os joelhos. Peso fofo, saboroso, agora sim tinha-a nos braços. Afagava-a. E, pouco a pouco, foi sabendo que a irmã tivera amores com um criado de lavoura, o pai soubera, quis vingar-se.

— Dela?

— Olha dela! Dele! Dele é que o pai se vingou, e bem.

Tendo-a no colo, irrequieta, a aninhar-se, a remexer-se, o calor do corpo dela tinha de excitá-lo. E ela bem o sentia, com certeza. Mas, alto lá, não percas a cabeça.

— E foi o Tamanqueiro que...

— Pois foi. Mas não o matou. Só não engravida mais nenhuma.

Disse e saltou-lhe do colo.

— Safa! Tu és da Polícia ou quê?

Onde tinham chegado! Só lhe faltava aquilo: julgarem-no da Polícia! Se lhe desse um tabefe? Mas antes ela pensasse desse modo. A sua pasta lá estava, debaixo da cama, no quarto fechado à chave, mais segura que nunca.

— Porque dizes isso?

— Tens uma maneira de interrogar, de adivinhar...

Como se a Polícia adivinhasse! Como se a Polícia soubesse alguma coisa que lhe não dissessem.

— És então muito diferente da tua irmã...

— Pois sou. E felizmente. Ela é parva. Deixar-se engravidar!

Viu as horas: cinco e dez. Conheciam-se, pois, há duas horas e meia, aproximadamente. A chuva já não se ouvia. Os toros continuavam a arder, quase sem chama, rodeados de uma cinza macia que ia sempre aumentando. E o fumo de tabaco cada vez se tornava mais visível em volta do candeeiro. Apetecia abrir uma janela.

Estavam agora em pé. Voltados um para o outro, a dois passos, se tanto. Ela via-o fitar-lhe o peito, que o pijama meio desabotoado deixava quase a descoberto. E ele de facto olhava-a fixamente. Estava, porém, lembrando: «Pôs o carro no alpendre? Está lá o do senhor Ferreira, mas ainda há espaço para outro e à vontade.»

Ela esperava. Mas ele não se mexia.

— E é por causa dessa história que o teu pai não quer dormir em casa?

Era de mais. Saltou-lhe ela ao pescoço, beijou-o nos olhos. Oh parvo, meu grande parvo.

— És tontinho. Isso foi há muito tempo. Já ninguém se lembra dessas coisas. Não, não és da Polícia.

Isto é: nem sequer és da Polícia.

— Pois não. Sou empregado de escritório.

— De verdade?

— De verdade.

— Deve ser chato. Ou não?

Sentados outra vez no sofá. Aquele sofá viera talvez da casa dela, como o tapete puído que tapava a tijoleira a meio da casa, até à boca do fogão, o candeeiro, a gravura da parede, trastes

velhos para ajudar o homem a montar a estalagem. Para o compensar. Para pagar-lhe o silêncio.

Tirado o último cigarro do maço, ela amachucou-lhe o invólucro, atirou-o para o lume, viu-o ali arder numa viva labareda que durou segundos.

Alguma coisa agora os separava. Era o que ele supunha, pelo menos, com desgosto e com alívio. O tempo fugia. Também ele queria fugir, voltar ao quarto, aos seus papéis. Tinham morto o Jacinto. Não se sabia quem. Tinham morto o Jacinto e ele naquilo. Mas ela, novamente divertida, tornava a aproximar-se, a pôr-lhe a mão no joelho. Mais marmelada.

— Já não há ginjas, que chatice!

Não poderia voltar a mostrar-lhe uma entre os dentes, oferecer-lha, oferecer-se.

Pois não. Comeste-as todas.

— E tu também.

Afastou-a um tudo-nada. Tirou-lhe a mão do joelho. — É melhor acabar com isto.

Onde fora buscar tanta coragem?

— Daqui a pouco o Tamanqueiro vai levantar-se e dá connosco aqui.

— E depois, anjinho? Sabes o que acontece? Fica todo atarantado, finge que não vê, volta para trás com o rabinho entre as pernas. Esse não é como os outros. Pode-se contar com ele.

Sentiu-lhe a mão de novo no joelho. Que teimosa! Desejava-a. Pronto, é a verdade: desejava-a. Mas conseguia dominar-se.

Os outros (os diferentes do Tamanqueiro) eram os homens que trabalhavam para o pai, as mulheres que, por mais que lhes fizessem, nunca estavam contentes, as crianças ranhosas que não iam à escola e a espreitavam de longe como bichos.

Ela o dizia numa voz que não era exactamente a mesma. A voz para falar de coisas sérias, graves.

— Não imaginas como são. Metem medo quando aparecem juntos. Mesmo calados, metem medo. Tem que se andar sempre armado. Sabe-se lá o que pode acontecer.

Ele aguentou, sorriu.

— Andas armada?

— Eu não, é claro. Mas o pai.

Não esperava tanto. Quis que ela se abrisse mais. Acariciou-lhe uma coxa, na dupla intenção de mantê-la confiante e de aproveitar o prazer que isso lhe dava.

— Não será exagero?

— Exagero? Devias vê-los. Sobretudo nesta greve.

— Houve uma greve? Mas as greves são proibidas.

Nem fora greve, com certeza. Que sabia ela disso? O «senhor Ferreira» devia ser «o Ferreira» mais de uma vez referido no *Em Luta*. Região de latifúndio. Camponeses protestando contra as condições de trabalho, exigindo aumento de salário, fazendo concentrações.

— Sim, houve uma greve, foi horrível.

— Não veio nada nos jornais...

— Pois não, mas foi horrível. Teve que se chamar a Guarda. Eles não recuaram, sabes lá. Piores que lobos. A Guarda disparou, matou uma mulher. E levou gente presa.

Também por que é que a mulher se metera naquilo? — dizia ela. Por que é que se pusera mesmo à frente?

Era estranho ver aquela jovem trocista e indiferente interessar-se (condoer-se?) àquele ponto. Ali. Àquelas horas. Em pijama e a sós com ele, numa saleta de estalagem, onde o lume ardia lentamente. Um lume bom, de madeira de sobro, vinda certamente dum montado que era dela.

Os campos que a estrada atravessava. E as alfaías. E os homens que as usavam, de sol a sol, quando havia trabalho. E as mulheres que nunca estavam contentes por mais que lhes fizessem. E as crianças ranhosas que não iam à escola e a espreitavam de longe como bichos. Tudo era dela. E a Guarda também, quando cheirava a perigo. Ele mesmo estava sendo dela nessas horas. Só porque a insónia lhe punha os macaquinhos todos a ferver e não queria estar sozinha.

Que não viam que o pai é que lhes dava o pão. Que mordiam a mão que lho estendia. Que, se os deixassem, lhes roubavam tudo. Punham as mulheres à frente e depois ó da guarda, que nem respeitam as mulheres.

— Que eu até tive pena — disse ela a dada altura. Como se houvesse lá dentro outra pessoa que, muito de longe em longe, ousasse aparecer e fugir logo.

— Conhecia-a de vista. Parecia mais velha, como todas. Mas não, ainda era nova. Deixou filhos, parece. Mas o que é que eles querem?

Estava triste. Descontente por o mundo ser assim.

Diante dos olhos dele, uma primeira página do *Em Luta*: «Levantamento de trabalhadores/ Camponesa assassinada pela Guarda.» Nestes ou noutros termos. Ajudara a distribuir esse número do jornal, conservara a notícia na memória.

Talvez tivesse sido ali, nas terras daquele Ferreira, onde o destino o detivera por precaução ocasional e exagerada. E a camponesa morta pela Guarda talvez fosse a mesma de que ela estava falando com algum desencanto. Que não chegava a ser remorso. Que já era outra vez contrariedade, irritação: «Mas o que é que eles querem?»

Não a deixar desconfiar. Continuar de pé atrás. Simular interesse pelo pai.

— Mas não estaria mais seguro em casa?

— Acho que sim. A casa é grande, está vigiada pela Guarda.

— Sempre?

— Quase sempre. Mas o pai é maluco, já te disse. Tem manias. Exagera. De repente, passa-lhe não sei quê pela cabeça, mete-se no carro, grita por mim: vamos dormir à estalagem.

— Embora aqui não tenha protecção. É uma loucura.

Ela riu. Mudava de disposição como quem muda de camisa.

— Quem é que te disse que aqui não tem protecção? Isto está tudo vigiado quando ele vem, o que é que pensas? E não é pela Guarda. Que a Guarda é destas coisas. Mas por homens da sua confiança pessoal. Tem-nos na mão por isto ou por aquilo. E o posto da Guarda é a dois passos. A nossa casa, não. Fica isolada. Mas que raio de conversa!

— Tu querias conversar...

— Mas não sobre isto. Ou quiseste que eu falasse nisto?

— Porque havia de querer?

— Pois é, por que havias de querer. Fônto final na história. Dás-me um beijo para acabar?

Mas ele esfriara. Passara a haver entre eles uma mulher assassinada, concentrações de camponeses, gente presa. E maltratada, com certeza. Gente do campo era malhar à farta.

— E a tua irmã? Fica em casa sozinha? Não tem medo?

— Ah essa, desde aquilo, o pai não quis mais vê-la. Vive na cidade, em casa dumas tias. É estarola de todo, mas aprendeu a lição.

— Nunca vais vê-la?

— Lá quando o rei faz anos. Moem-me o juízo as danadas das velhas. Que eu é que devia convencer o pai, mais isto e mais aquilo, uma chatice.

A estalagem estava pois vigiada. E ele também cercado, mas afinal ao contrário. Como que protegido pelos que ele perseguia e o perseguiam. A «ordem» no país dependia de redes mais ou menos apertadas, umas dentro das outras, bem visíveis algumas, outras não. Invisíveis no escuro e sob a chuva, noite fora, homens da confiança pessoal do Ferreira protegiam, de arma pronta, a tranquilidade do seu sono. Do seu dono. E, dentro dessa rede, havia por exemplo aquilo: uma jovem bonita e tresloucada que lhe pedia um beijo.

— Estás a ver? — disse ele.

A rapariga voltou-se para a janela. Confirmou quase com tristeza:

— Pois é. O dia está aí, não tarda. Acabou-se.

A noite chegava ao fim, evitara a chatice da insónia, já não fora mau.

Estendeu a mão para o seu casaco de peles, vestiu-o muito devagar, aconchegou-o ao pescoço. Rodou depois sobre si mesma numa pirueta lenta e graciosa (ele achou-a graciosa, que havia de fazer?) e espreguiçou-se. Com volúpia, lassidão.

— Pedi-lhe um beijo e não mo deu. Agora já é tarde. São horas de ir para a cama. So-zi-nha!

E, bocejando:

— Vou dormir o dia inteiro.

Logo a seguir, contente:

— Mas foi bom. Nunca me hei-de esquecer. E nem sei o seu nome.

— Nem eu o seu.

— Pois não. Não é preciso.

Ela acendera a luz, ela a apagou. Subiram os dois a escada, novamente às escuras. Sem mais uma palavra percorreram o comprido corredor, que parecia ainda mais gelado depois daquelas horas no aconchego da saleta. Até que ela desapareceu numa das portas, sem que ele visse qual.

A sua era a última, mesmo ao fundo, não tinha que procurar. Meteu e rodou a chave, entrou, estava outra vez no quarto. Deixara a luz acesa. Viu a cama que parecia confortável, o guarda-fato, a mesa em que estivera a escrever, a botija «para ali abandonada». Tinham passado quantas horas? Quantos dias? E viu-se a si, no espelho, pálido, cansado: não comia desde o almoço do dia anterior, sabia-lhe a boca a sarro.

Lá por fora, já se iam vendo ramas de árvores desgarradas, telhados da povoação, afinal ali mesmo. Os homens do Ferreira continuariam no seu posto, à espreita. Contariam ao amo que houvera luz numa janela toda a noite, e na sala também. Era indiferente. Estaria então já muito longe.

Tirou a pasta de onde a tinha posto, desfez a cama, meteu nela a botija, revolveu os lençóis, amachucou a almofada. Por causa do Tamanqueiro e da mulher. Se acaso era preciso. Deviam estar habituados a coisas muito estranhas. E a calar.

Fechou a luz. Ficou atrás da janela com a testa encostada ao vidro. Em todos os jornais: «Corpo encontrado num pinhal com duas balas nas costas» — o Jacinto. No *Em Luta*: «Camponesa assassinada» — provavelmente a mulher que defrontara a Guarda, ali bem perto. Ambos vítimas, portanto, da mesma luta sem quartel. Sobre quem matara a camponesa (aquela ou outra) não havia dúvida. Bastava ouvir a sua estranha companheira dessa noite. Quanto ao Jacinto, porém, quem lho diria?

Da morte da camponesa, os jornais legais não tinham dito nada; o *Em Luta*, muito. Da do Jacinto, esses jornais tinham dito bastante: o *Em Luta*, quase nada. Fora a Polícia infiltrada na Organização ou a própria Organização sem qualquer influência da Polícia? A Organização, ou seja, a sua Organização, a razão de ser da sua vida.

A manhã vinha rompendo. Já se viam com alguma nitidez as árvores, as casas.

E se os tiros não tivessem sido disparados de perto, como os jornais diziam? E se o Jacinto não tivesse sido morto naquele dia 12, no encontro? Os jornais do dia 13: «Foi ontem encontrado...» Mas a Polícia só dizia ou fazia dizer o que mais lhe convinha. O *Em Luta* não falava em datas.

Tudo então se alteraria. O ter sido no pinhal, porém, *naquele* pinhal, como explicá-lo?

Arrancara ao Policarpo que o Jacinto fora convocado para o encontro cinco dias antes. No dia 7, portanto. Nesse intervalo, teria ele passado pelo pinhal, contra o que lhe fora dito que fizesse? Andaria seguido? Nesta hipótese (possível), por que não actuara a Polícia logo? Porque suspeitava dum encontro em breve e esperava apanhar mais gente? Mas então (voltava sempre ao mesmo), por que não houvera mais vítimas ou quem fugira não dizia nada?

Se o Jacinto ali estivesse, havia de pôr-lhe a mão no ombro, de dizer-lhe: «Tem cuidado. Há sempre coisas que não se sabem logo. Só o tempo é que explica». E, no entanto, nunca o vira coibir-se de dizer o que pensava. Fora isso talvez que o perdera.

Afinal, que é que ele, Aníbal da Fonseca por algum tempo mais, sabia? Tinha suspeitas. Fazia conjecturas. Imaginava pistas impossíveis de seguir até ao fim. Sem ninguém para o ajudar. Excepto o pobre Policarpo, com a mágoa estampada no seu rosto franco de quase adolescente. Mas não devia manter esse também um pouco de remissa? E o que ele contava parava no dia 7. Tudo antes.

Despiu o casaco, arregaçou as mangas da camisa, abriu a torneira do lavatório, atirou água para a cara, para os cabelos, penteou-se. Abotoou o colarinho, fez o nó da gravata, deixou-se cair na cama, sempre a vê-lo de borco, com os braços abertos, a cara contra a caruma. De borco. E os braços abertos. A cara contra a caruma. E uma espécie de pó chamado esquecimento a cair em cima dele, hora a hora, dia a dia, até cobri-lo por completo.

Fora a Polícia ou não? Talvez sim. Apesar de tudo, talvez sim. Mas se não tivesse sido? Se realmente não tivesse sido? Deveria dizer-se isso agora? Já? Não faria isso afinal o jogo dela?

Mal clareasse um pouco mais, vestiria o casaco, pegaria na gabardina e na pasta, desceria.

O dono da estalagem (o tal «paz-de-alma»...) havia de perguntar, muito servil: «Então que tal? Dormiu bem?» Ele responderia: «Muito bem, obrigado». Sem conseguir furtar-se a tentar descobrir nos olhinhos do homem se ele dera pelo que se passara ali, durante a noite, em sua casa. Casa que o Ferreira lhe dera. Ferreira cuja filha ele tivera nos braços. Filha que, de algum modo, também matara o Jacinto. Preencheria a ficha: «Aníbal da Fonseca, Rua das Barcas, 10, 2.º, Porto, empregado de escritório». Tomaria o pequeno-almoço, mastigando devagar, a dar tempo a que fosse dia aberto e, ao sair, os espias do Ferreira o vissem bem e o tomassem por um hóspede como qualquer outro. Café com leite, claro, pão com manteiga. Mais o Tamanqueiro à volta dele, já de cachimbo a apagar-se: «Não quer mais? Veja lá! O pãozinho ainda está quente. Nada de cerimónias, hem?»

Pagaria. Perguntaria ao homem a hora da carreira para o Sul, corroborando assim o que dissera na véspera. Vestiria a gabardina. Pegaria na pasta. Sairia. Andaria ao acaso pela terra até chegar a sua camioneta. Para o Norte, que era donde viera.

E o silêncio? A imensa, nojenta cumplicidade do silêncio faria o jogo de quem?

1980